

Jornal do Zinga – crítico, literário, noticioso e recreativo do bairro Ingleses

Zinga Journal: a critical, literary, informative, and recreational periodical of the Ingleses district

JULIANO MENEGAES VENTURA

Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC – Brasil

RESUMO

O Jornal do Zinga é uma proposição artística que faz uso do jornal de bairro como suporte, linguagem, veículo e modo de envolvimento territorial. Vinculado aos Ingleses do Rio Vermelho, em Florianópolis/SC, a publicação é elaborada a partir de caminhadas, conversas, registros e procedimentos editoriais que investigam elementos do cotidiano local para reapresentá-los no território sob a forma de tabloide de distribuição gratuita. Ao operar simultaneamente como impresso de circulação pública e como trabalho de arte, o jornal fricciona uso e enquadramento artístico, aproximando-se das noções formuladas por Stephen Wright (2016) a respeito da usologia. Seu trânsito entre o bairro, hemerotecas, exposições e contextos pedagógicos amplia sua capacidade de articular arte, mídia, território e vida cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE

Jornal de bairro, proposição artística, inserção, território, usologia.

ABSTRACT

Jornal do Zinga is an artistic proposition that uses the neighborhood newspaper as support, language, vehicle, and mode of territorial engagement. Connected to Ingleses do Rio Vermelho, in Florianópolis/SC, the publication is developed through walks, conversations, documentation, and editorial procedures that investigate elements of local everyday life in order to re-present them within the territory in the form of a freely distributed tabloid. By operating simultaneously as a publicly circulating printed matter and as an artwork, the newspaper creates a friction between use and artistic framing, drawing close to Stephen Wright's (2016) notions of usology. Its circulation between the neighborhood, periodical archives, exhibitions, and pedagogical contexts expands its capacity to articulate art, media, territory, and everyday life.

KEYWORDS

Neighborhood newspaper, artistic proposition, insertion, territory, usology.



Figura 1 - Jornal do Zinga n.º 1, 2019, tabloide impresso em offset, 38 x 29 cm, 32 páginas, tiragem de 2,5 mil exemplares. Fonte do autor.



Figura 2 - Jornal do Zinga n.º 1, 2019, tabloide impresso em offset, 38 x 29 cm, 32 páginas, tiragem de 2,5 mil exemplares. Fonte do autor.

Fontes e pias



Fontana Di Trevi, construída no século XVIII em Roma, na Itália.

Muitas cidades europeias possuem fontes que serviam para o abastecimento de água das cidades e que hoje são monumentos às grandes obras de infraestrutura do passado.

Erguer belas fontes ao final de um aqueduto que conduzia a água para a cidade é um costume europeu desde os tempos da Roma Antiga. Hoje essas fontes são pontos turísticos que figuram em guias de viagem e em selfies de visitantes. Um célebre exemplo é a luxuosa Fontana Di Trevi, em Roma, com construção datada em 1762, que já apareceu em inúmeros filmes. A maior é a mais ambiciosa das fontes barrocas da Itália, Fontana Di Trevi está encostada na fachada do Palazzo Poli e em suas águas recebe moedas para a realização de pedidos. Além da beleza, tais fontes são úteis para a lavagem de partes do corpo e algumas têm ainda hoje água potável para saciar a sede.

No Zinga, além das nascentes do Rio Capivari, não há nenhuma fonte pública. Ao menos nenhuma construída pela Prefeitura. Chafariz deve até ter em alguns condomínios. Mas no Zinga tem uma pia que, embora seja privada, funciona como fonte de uso público. Em um peculiar centro comercial localizado na Travessa Manoel Ramos de Souza – onde tem tabacaria, chaveiro, loja de produtos de beleza, churrasquinho e comidas típicas de Goiás – há uma pia disposta quase na calçada, que fica disponível aos passantes mesmos quando os estabelecimentos já estão fechados.

Algumas partes do colorido centro comercial são construídas em madeira e outras em alvenaria e também há um espaço coberto, com mesas e cadeiras para desfrute dos lanches servidos. Quando passar por lá, aproveite para lavar suas mãos!

NOTA

Pouco antes do fechamento desta edição, a pia foi removida. Seu Torquatto, que tem uma tabacaria no local, contou que decidiram tirar porque “o pessoal tava avacalhando muito de noite”. Disse que mais de uma vez deixaram a torneira aberta, e que quando chegou para trabalhar se deparou com seu estabelecimento alagado.

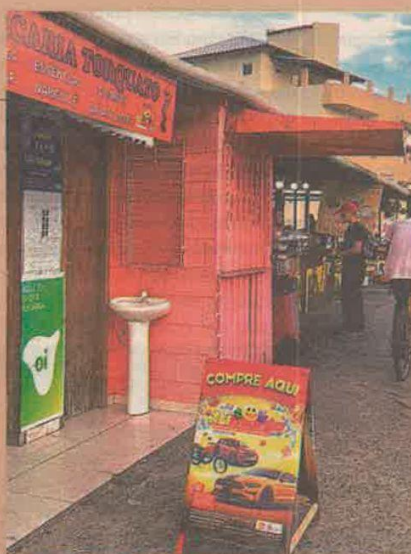


Figura 3 - Recorte da página 14 do Jornal do Zinga n.º 1, 2019. Fonte do autor.



Figura 4 - Jornal do Zinga n.º 2, 2021, tabloide impresso em offset, 38 x 29 cm, 24 páginas, tiragem de 2 mil exemplares. Fonte do autor.

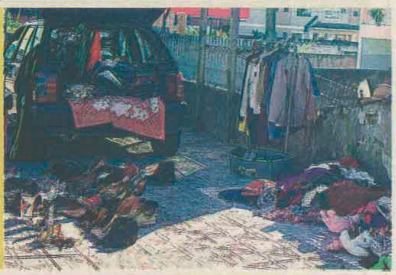
LEGUMES CEZAR "Vendo legumes, milho verde, bergamota, alpim, batata-doce, e outros derivados. Vim do Rio Grande do Sul já vai fazer quase 2 anos" 📍 nos Ingleses, Campeche, Palhoça e São José. De casa em casa, em frente de lojas e restaurantes. 🕒 não tem hora, trabalha o dia todo até concluir o serviço. 💳 PIX, cartões, dinheiro vivo em espécie e até fiado (para clientes com residência fixa).	"A nossa mercadoria vem pelo pequeno produtor. Tomamos todos os cuidados e procuramos sempre cativar o cliente de uma mercadoria segura, conservada e sem nada de veneno"	
MEIAS GUARDANAPOS MÁSCARAS EDITE "Eu morava no Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande. Eu tô aqui faz 14 anos... Faz mais de 30 anos que eu trabalho como vendedora ambulante" 📍 na João Gualberto Soares, perto da Agropecuária Três Pinheiros. 🕒 entra às 13h e sai às 18h, menos no domingo. 💳 à vista ou, se não, pelo PIX.		"Agora tá saindo bastante meia porque tá frio, mas vende bem as três coisas. No Paraguai, eu vendia de tudo: eletrônico, CD's. Em São Paulo, era chaveirinho, bolsinha, travessinha e agora estou trabalhando com os produtos daqui"
TREKOS DE LUXO CARMEM "Eu vim do Amazonas. Sou natural do Pará. Vim pra Florianópolis em busca de um sonho. Quando eu digo que vou fazer uma coisa, eu faço tudo" 📍 está mudando de localização, mas ainda na SC-403. Também no Instagram @trekos.deluxo. 🕒 funciona nas quintas, sextas e sábados. 💳 dinheiro, PIX, cartão de crédito e – se a pessoa não tiver dinheiro – aceita produtos em troca.	"O que eu vendo aqui são Trekos de Luxo, coisas que a gente seleciona e que sempre serve em alguém. Roupas, casaco, sapato, botas, bijuterias, o que aparece. A gente sempre coloca um preço que alguém possa pagar. Se a pessoa tem um produto e não tem dinheiro a gente troca"	
BAZAR E BRECHÓ CLÁUDIA "Eu sou gaúcha. Venho de Porto Alegre e moro aqui há 7 anos. Nós temos um bazar que já tem em torno de 10 anos aqui, no mesmo lugar. Vendemos roupas, sapatos, ferramentas..." 📍 o bazar é em frente à Caixa Econômica Federal – é super conhecido. 🕒 todos os sábados das 8h às 18h e nas quartas também. 💳 dinheiro, cartão e PIX.		"Aqui é bem difícil ter loja, porque é um custo bem alto ter um ponto estratégico. Como tem muitas pessoas que vêm de fora, de outros estados quase sem nada, esses utensílios domésticos a gente vende muito bem. Acaba ajudando todo mundo. Hoje em dia brechó é vida!"

Figura 5 - Recorte da página 16 do Jornal do Zinga n.º 2, 2021. Fonte do autor.



Figura 6 - Jornal do Zinga n.º 3, 2026, tabloide impresso em offset, 38 x 29 cm, 24 páginas, tiragem de 2 mil exemplares. Fonte do autor.

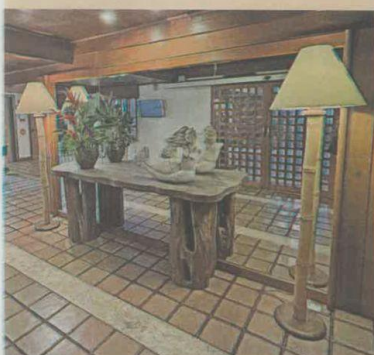


Figura 7 - Recorte da página 7 do Jornal do Zinga n.º 3, 2026. Fonte do autor.

PASSEIO PELOS HALLS DE HOTÉIS

Se os hotéis do bairro são conhecidos pelos turistas que vêm para cá passar suas férias e feriados, para os moradores locais visitar esses lugares pode ser uma experiência inusitada

Entre o frio da primavera na Ilha e o calorão do início desta temporada de verão, fomos a alguns hotéis da orla da Praia dos Ingleses para conhecer os *halls*, os saguões de entrada que recebem os visitantes na chegada às suas acomodações de férias. Nesses lugares encontramos vistas para a praia, vistas de turismo em Santa Catarina, objetos de decoração com referências ao mar e pinturas com diferentes temáticas e estilos, além de vários outros detalhes que decidimos registrar. A seguir, apresentamos um pouco do que vimos por lá.



HOTEL COSTA NORTE INGLESSES

A entrada surpreende por uma bela porta de madeira e uma sereia disposta sobre um aparador de tronco de árvore em frente a um espelho. De cada lado do aparador uma luminária de chão com haste de bambu. As paredes e o teto do hall principal são revestidos em madeira. O piso é em cerâmica de tom terroso com recortes em pedra. A decoração segue uma tendência mediterrânea somada ao estilo rústico. Predominam elementos marítimos como conchas, estrelas do mar e instrumentos de pesca artesanal. Alguns mobiliários são revestidos em azulejos azuis. Entre os ambientes há uma porta com um painel central vazado com vidro retangular que revela uma saleta diminuta. O acesso é livre, a porta fica destrancada. De aproximadamente 160 cm de comprimento e pouquíssima folga lateral em relação à porta, a saleta é larga o suficiente para acomodar uma janela estreita basculante e com vista para o estacionamento. Não há cadeira, poltrona nem qualquer outra mobília, até mesmo porque não há espaço. Em uma das paredes brancas há dois quadros dispostos lado a lado. E só. Intrigante!



INGLESSES PRAIA HOTEL

Hotel pé na areia no Centrinho. De frente para a Estrada Dom João Becker, o edifício possui desenho arquitetônico que apostou em recortes, desníveis e um elegante teto com clarabóia. O saguão de entrada amplo e com pé direito alto conduz a outros ambientes de estar e convivência no térreo. Logo na entrada há uma bússula desenhada no piso. Quanto ao mobiliário, vale destacar uma mesa de centro com vitrine que exibe uma composição de conchas e estrelas do mar sobre um fundo de areia. Os ambientes são repletos de obras de arte que variam de pinturas figurativas da cultura açoriana a propostas abstratas. Há, ainda, algumas fotografias aéreas da Ilha de Santa Catarina e um espelho d'água interno em formato pentagonal.



HOTEL SLAVIERO INGLESSES CONVENTION

Na entrada deste hotel o que salta aos olhos logo de cara é a utilização da luz branca e de superfícies lisas e reflexivas, trazendo um ar mais contemporâneo – e menos rústico, digamos. O balcão de mármore no qual ficam os recepcionistas chama a atenção pela imponência e tamanho. Tudo parece grande. O painel de MDF enorme e os nichos de madeira acolhem objetos como vasos de plantas de plástico e orquídeas de supermercado. Duas televisões exibem canais diferentes, ambas no mudo.



GAIVOTAS PRAIA HOTEL

Hotel com traços de inspiração mediterrânea. A porta frontal é emoldurada por um pórtico de azulejos em tons terrosos mesclados com outros azuis, os mesmos do piso interno do hall. As paredes têm acabamento rústico e artesanal com texturas, ondulações e um visual orgânico. Em uma mesa de centro, um livro sobre os 350 anos de Florianópolis com imagens já azuladas pelo tempo. Espalhadas pelo ambiente estão vasos de plantas, ânforas decorativas e mesinhas laterais em metal e tampos circulares de pedra com abajures e estrelas do mar. De fora, o pé direito duplo do hotel com colunas revestidas de cerâmica atrai olhares de quem passa na Rua Dante de Patta.



PALM BEACH APART HOTEL

Ao adentrar o saguão do Palm Beach nos deparamos com amplas aberturas e suas longas cortinas de algodão que emolduram a Praia dos Ingleses e o estacionamento do hotel. Esse é o auge do ambiente. No mobiliário, uma namoradeira, mesinhas de madeira e sofás em tons entre o bege e bege acinzentado, combinando com as cores das paredes, do chão e dos tapetes. Há, ainda, alguns vasos de plantas de tamanhos variados. Uma parede recoberta com o mapa da Ilha, indicando bairros e pontos de interesse turístico.

Figura 8 - Página 14 do Jornal do Zinga n.º 3, 2026. Fonte do autor.



Figura 9 - Distribuição do Jornal do Zinga n.º 2 em mercadinho do bairro Ingleses, agosto de 2021. Fonte do autor.



Figura 10 - Jornal do Zinga n.º 3 em distribuição em uma padaria do bairro Ingleses, fevereiro de 2026.
Fonte do autor.



Figura 11 - Entre uma entrega e outra, pausa para ler as matérias do Jornal do Zinga. n.º 3 na noite de 12 de março de 2026. Fonte: Joseane Regina.

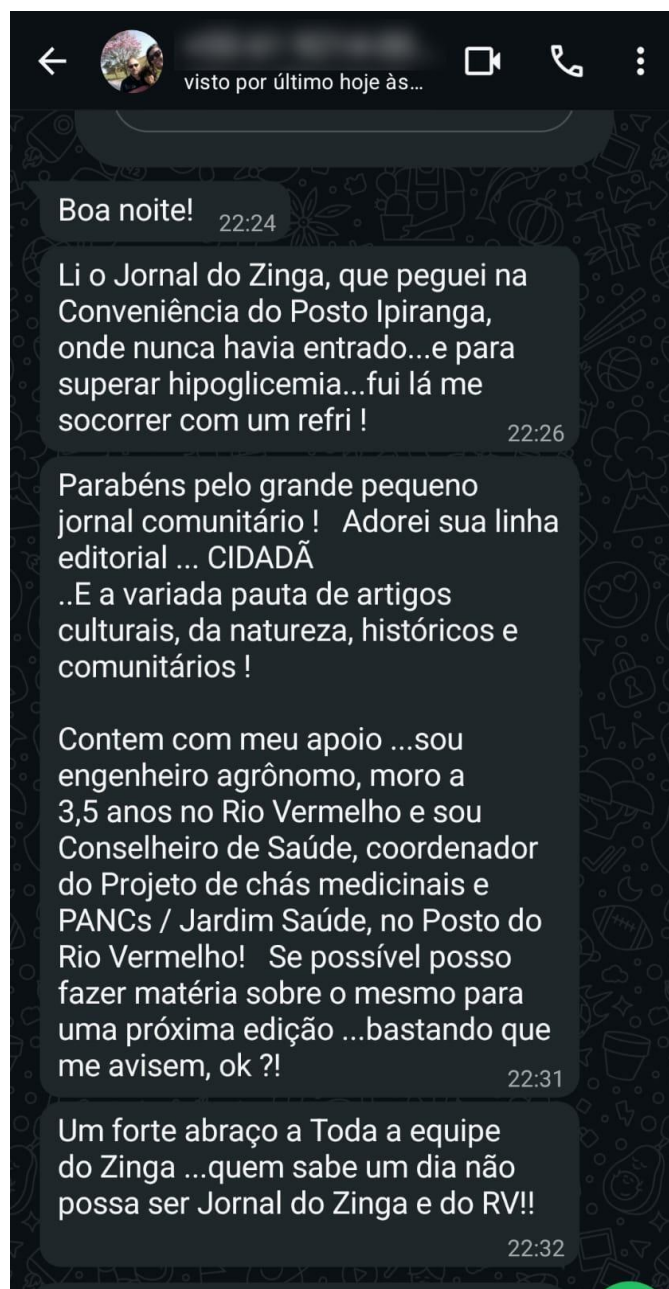


Figura 12 - Mensagem enviada por leitor para o WhatsApp do Jornal do Zinga, março de 2026. Fonte do autor.

O Jornal do Zinga é uma proposição artística que se constitui pela prática experimental da mídia jornal de bairro. Como pressuposto deste tipo de veículo, ele se vincula a um território. No caso, o bairro Ingleses do Rio Vermelho, localizado no norte da Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis.

A publicação toma em seu nome o apelido popular do bairro, uma espécie de abreviação sonora com origem no característico falar apressado local. Ingleses, ou o Zinga, é ao mesmo tempo balneário turístico e periferia da capital, região que em poucas décadas se transformou de uma isolada vila de pescadores no segundo bairro mais populoso da cidade. O jornal enfoca elementos singulares da paisagem local, práticas sociais e visualidades que constroem este território. Faz isso a partir de perspectivas muito particulares: no primeiro número, em 2019, contratamos uma cartomante para ler nas cartas o futuro de uma praça cuja construção se arrastava; no mais recente, deste ano, apresentamos um passeio crítico pelos *halls* de hotéis da Praia dos Ingleses.

A ideia de produzir um jornal aqui veio do interesse em pensar trabalhos endereçados ao espaço público e a seus circuitos, e também do cruzamento entre minha prática artística e minha realidade cotidiana como morador do Zinga. Na interlocução com outros artistas, a proposta ganhou densidade e conseguiu se concretizar de modo coletivo¹.

A escolha do jornal de bairro como meio para proposição artística está relacionada às suas características editoriais e a seu modo de circulação na cidade. Este veículo se vale da estrutura e dos elementos presentes nos jornais tradicionais, adaptando-os aos assuntos e fatos de seu contexto local. Isso torna possível a abrangência de muitos temas, o agrupamento de uma diversidade de conteúdos e a apresentação destes de modo atrativo ao público. Um tabloide com variados gêneros textuais e repleto manchetes, imagens e outros recursos gráficos é uma opção convidativa para abordar questões de um lugar onde vivem pessoas provenientes de diferentes partes do Brasil e de países vizinhos, de distintos perfis socioeconômicos e étnico-raciais, interesses e posicionamentos políticos.

¹ O projeto foi iniciado com o grupo de pesquisa Observatório-móvel, no contexto do programa de extensão universitária *Mídias táticas*, vinculado ao Centro de Artes, Design e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, em 2019. A equipe atual de edição é composta por mim, Gabriel Villas, Joseane Regina e Nara Milioli.

Quanto à sua circulação, os jornais de bairro têm uma tática própria de distribuição. Ela consiste na disponibilização gratuita dos exemplares em lugares de trânsito popular, inserindo-se no cotidiano de lojas, mercadinhos, padarias, postos de saúde, escolas etc., muitas vezes junto a jornais comerciais e outros impressos publicitários. Colocam-se, desta forma, presentes em diferentes contextos e abertos a múltiplas possibilidades de encontros imprevistos.

O uso dessa estrutura midiática implica mobilizar uma forma editorial familiar, amplamente legível e em certa medida nostálgica, já que os jornais impressos têm se tornado cada vez mais raros no cotidiano. Implica também inserir o jornal no território do Zinga, sobretudo por meio dos comércios e estabelecimentos locais. A “prática experimental da mídia jornal de bairro” demanda, assim, um conjunto heterogêneo de procedimentos e processos necessários à elaboração de um jornal, no que diz respeito à pesquisa, edição e distribuição. Cada uma destas etapas é entendida como situação para proposição artística.

A pesquisa é realizada *in loco*, por meio de caminhadas e percursos pelas trilhas, servidões, ruas e rodovias do Zinga. Nestas ocasiões, muitas vezes abordamos e puxamos assunto com quem cruzamos pelo caminho, adentramos ruas, comércios e outros lugares do bairro fora de nossos deslocamentos cotidianos, enquanto experimentamos formas de cartografar e documentar os trajetos e encontros. Esses registros servem de base para a escrita dos textos e a composição visual do tabloide no plano gráfico, para que aí a tiragem do jornal possa ser materializada e ganhar as ruas.

Os processos de criação e circulação do Jornal do Zinga podem ser pensados na perspectiva da usologia, “ciência imprecisa e ambulante” discutida por Stephen Wright (2016), centrada nos modos de usar e nas condições e possibilidades de uso na arte e no campo social. A mídia jornal de bairro é reaproveitada no contexto desta proposição artística, sendo não apenas o suporte, mas a linguagem e o veículo do trabalho. Ao mesmo tempo, a publicação assume uma funcionalidade concreta enquanto impresso que circula entre outros impressos, que pode ser reconhecido como jornal, acessado sem a mediação institucional ou de um enquadramento artístico. Deste modo, aproxima-se da noção de dupla ontologia, empregada por Wright para designar justamente essa coexistência entre uma ontologia primária, ligada ao uso e à função, e uma ontologia secundária, ligada ao campo da arte.

Essa duplicidade, ambivalência ou oscilação é uma dimensão relevante da proposta, pois permite que o trabalho circule no cotidiano do bairro sem que seja anunciado ou mesmo percebido como arte, ao menos em um primeiro momento, já que possui legibilidade como jornal de bairro. Wright (2016, p. 59) observa que práticas orientadas pelo uso operam em escala 1:1, isto é, em coincidência com sua forma e funções primárias, e com o próprio contexto em que incidem. Sua escala é a do meio em que atuam, e não a de uma representação reduzida e isolada desse meio: “Embora as iniciativas em escala 1:1 façam uso da representação de diferentes maneiras, em si elas não são representações de nada.” (ibid., p. 15) Nesses casos, trata-se de trabalhos autoentendidos como proposições artísticas e/ou assim informados no campo da arte, mas que se apresentam como aquilo que efetivamente são e fazem no mundo.

Além da distribuição local, o Jornal do Zinga é enviado também a artistas, espaços culturais e projetos relacionados às artes visuais em Florianópolis e em outras cidades. Foi incorporado às hemerotecas da Biblioteca Pública de Santa Catarina e da Biblioteca Nacional, apresentado em exposições, feiras de publicações de artista e eventos acadêmicos, além de ter sido utilizado como material pedagógico na educação básica. Essa circulação ampliada desloca continuamente o estatuto do jornal: no bairro, ele opera como mídia local; nas hemerotecas, como documento; nas exposições e feiras, como publicação de artista; na escola, como dispositivo pedagógico. Seu trânsito por esses diferentes circuitos amplia sua capacidade de produzir conexões entre arte, mídia, território e cotidiano.

A cada edição, essa coincidência entre proposição artística e uso efetivo do tabloide se atualiza no modo como são recolhidos elementos do cotidiano local, organizados editorialmente e devolvidos ao território sob a forma de notícias, relatos, entrevistas e mil outros arranjos entre imagem e texto. A mais recente foi publicada em fevereiro deste ano², com fatos atuais e de outras épocas: histórias de piratas que passaram e que passam por estes mares; um roteiro pelas ruas com nomes de animais marinhos; matérias sobre comércios que funcionam 24 horas e sobre a

² Com financiamento do Edital Projeto de Fomento à Cultura Lidio Augusto Costa (Seu Lidinho) – Executado com recursos do Governo Federal e da Política Nacional Aldir Blanc, por meio da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

presença do idioma espanhol na paisagem local; entrevistas com pessoas que moram e trabalham por aqui; e vários outros temas e curiosidades sobre o Zinga.

As edições já produzidas contaram com a colaboração de arquitetos, biólogos, pesquisadores interessados no bairro, estudantes da educação básica e outros moradores locais, que foram convidados ou manifestaram interesse em participar do projeto.

Referências

WRIGHT, Stephen. **Para um léxico dos usos**. São Paulo: Aurora, 2016.

Sobre o autor

Juliano Menegaes Ventura (Santa Maria/RS, 1989) é artista visual, pesquisador e professor. Trabalha com fotografia, vídeo, produção gráfica, projetos editoriais e ações no espaço urbano. Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2011) e mestrado em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2016), onde atualmente cursa o Doutorado, na linha de pesquisa Processos artísticos contemporâneos. Integra o grupo de pesquisa "Proposições artísticas contemporâneas e seus processos experimentais" (CEART-UDESC-CNPq). Atua como professor colaborador do Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes, Design e Moda da UDESC, na área de Artes do vídeo. É editor das edições água para cavalos e do Jornal do Zinga.

julianovent@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1647478470801250>

<https://orcid.org/0009-0004-8065-8896>

Nota editorial: Esta autoria é uma contribuição convidada. Em conformidade com a política editorial da revista, foi avaliado e aprovado pelos editores, sem submissão ao processo regular de revisão por pares.

Como citar

VENTURA, Juliano Menegaes. Jornal do Zinga – crítico, literário, noticioso e recreativo do bairro Ingleses. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 7 n. 1, p.151 – 167, jan. – jul. 2026. <https://doi.org/10.14393/EdA-v7-n1-2026-82103>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.